



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO – DECOM
CURSO DE DE JORNALISMO**

**ALBERTA FIGUEIRÊDO DE SANTANA
RAIZA MAURICIO DA MOTA**

**REVISTA ELAS EM CAMPO:
MULHERES DO JORNALISMO ESPORTIVO PARAIBANO**

CAMPINA GRANDE – PB

2023

ALBERTA FIGUEIRÊDO DE SANTANA

RAIZA MAURICIO DA MOTA

**REVISTA ELAS EM CAMPO:
MULHERES DO JORNALISMO ESPORTIVO PARAIBANO**

Relatório técnico apresentado ao Curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Me ARÃO DE AZEVEDO SOUZA

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S233e Santana, Alberta Figueiredo de.

Elas em Campo: mulheres do jornalismo esportivo paraibano. [manuscrito] / Alberta Figueiredo de Santana , Raiza Maurício da Mota. - 2023.
34 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Prof. Me. Arão de Azevedo Souza , Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA. "

1. Jornalismo esportivo. 2. Mulheres. 3. Assédio. 4. Revista. I. Título

21. ed. CDD 070.195

**ALBERTA FIGUEIRÊDO DE SANTANA
RAIZA MAURICIO DA MOTA**

**REVISTA ELAS EM CAMPO:
MULHERES DO JORNALISMO ESPORTIVO PARAIBANO**

Área de concentração: Produção Jornalística.

Aprovado em: 01/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

Árão de Azevedo Souza

Prof. Me ÁRÃO DE AZEVEDO SOUZA (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ada Kezea Guedes Bezerra

Prof. Dra. ADA KESEA GUEDES BEZERRA
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Leonardo da Silva Alves

Prof. Dr. LEONARDO DA SILVA ALVES
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conduzir no caminho certo e por jamais me deixar desistir, embora fosse o mais fácil. A minha mãe Zélia, que sempre apoiou minhas decisões e me incentivou, e ao meu pai, Carlos Alberto, de quem carrego a força do nome e se hoje escrevo sobre esportes, foi porque aprendi contigo assistindo jogo do Corinthians (o que me fez ser flamenguista). Minhas irmãs, Fernanda e Hellen, que mesmo me tirando a paciência são minha fonte de força e alegria, agradeço por todas as brincadeiras e bolos que deram errados. A minha avó Maria de Lourdes, e principalmente, ao meu avô Manoel (In Memoriam), a pessoa mais inteligente e gentil que já conheci, eu sinto falta do mundo com o senhor. Ao meu tio Sandoval, que me ensinou a ler e que chamei de pai, a tia Geralda, tio Jailton e tio Donisete, que torcem por mim.

Ao meu amor, José Yan Oliveira, que esteve comigo em todos os processos, você me trouxe a primavera, e por isso, te dedicaria todas as músicas de romance do meu álbum favorito da Taylor Swift. A Sabrina Figueiredo, prima, meus dias não seriam os mesmos sem você me mandando redações e pedindo slides. Osani, Claubeana, Yan, Fransueldo e Iago, que me acolheram em casa quando precisei e serei eternamente grata. A minha família Figueirêdo e seus muitos agregados, que são barulhentos e unidos, amo vocês.

Aos peculiares Ana Beatriz, Mateus e Vitor Manoel, vocês fizeram meu ensino médio mais alegre, as idas à livraria inesquecíveis e uma saga de livros se tornar quase tão especial quanto PJO. Jennifer, Manu, Vitória e Victor, espero que nossa amizade continue sendo do terceiro para a vida, e que a distância seja só de estado mesmo.

Ao Otondo, o grupinho mais famoso do p1 de jornalismo 19.2, Ana Beatriz, Maria Laura, Lourranninha, Louise, Roberto, Alisson e Tiago, quem diria que jogar UNO construiria uma amizade tão bonita. A Lyne, a melhor pessoa que o universo poderia ter me mandado. A patotinha do ônibus de São José da Mata, Luan, Fernanda, Rayd, Daniel, Liandra, Sofia, Rennan, Camily e Pedro, que me acolheram, deixaram minhas noites mais tranquilas e muito mais felizes.

Ao nosso orientador Arão de Azevedo, que respondia até as perguntas mais bobas, foi paciente, profissional e nos ajudou a superar os desafios de um TCC.

E a Raiza Mota, você foi uma fonte de luz durante toda a graduação, ir para a universidade tomar café, compartilhar lanches e risadas com você, era minha motivação, tanto que minha família te acolheu com tanto amor. É engraçado porque não consigo lembrar de um momento no jornalismo e na minha vida, sem você comigo, o que faz todo sentido, até aqui, sermos um nós.

Alberta Figueirêdo

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo primeiro a Deus por ser o dono dos meus dias e por ser meu guia em todos os caminhos da vida, como diz o ditado, Deus no céu e meus pais na terra, eles são minha riqueza. Obrigada mãe por todas as vezes que ia me buscar altas horas da noite para que eu não fosse para casa sozinha, obrigada pelos café e por sempre me ajudar com tanto apoio em dias nublados. Obrigada pai por ter me apoiado desde do dia que cheguei dizendo qual curso queria fazer, nunca tinha passado na minha cabeça em fazer jornalismo mas desde de quando soube nunca me faltou o seu apoio, obrigada por ser sempre meu melhor professor da vida.

Agradeço também aos meus irmãos Keila Beatriz e Henry Gabriel, vocês são a minha motivação para sempre superar os desafios da vida, para que vocês vejam em mim força para nunca desistir de nenhum propósito ou objetivo. Não posso deixar de fora dos meus agradecimento meu filho Heitor que foi meu maior presente no ano de 2023 e com sua chegada todas as minhas forças foram renovadas para que eu pudesse ser para ele o melhor espelho de vida, meu tio Adjailson que nunca mediu esforços para levar minha marmita quando a carga horária permitia que eu ficasse mais tempo na faculdade o senhor é o melhor mototaxi de Campina Grande.

Minha vó Maria das Graças, que sempre esteve com um sorriso no rosto quando, por morar longe chegava cedo em sua casa para esperar a hora de executar alguma tarefa da faculdade, suas comidas foram forças corporal para que eu aguentasse o rojão do dia, ao meu companheiro Roberto que nunca deixou de dizer que ia dar certo, apesar dos apesares ele me acompanhou durante grande parte da caminhada sempre enaltecendo que eu era capaz o suficiente para todos os desafios do caminho, á minha sogra Joselma que foi peça fundamental ao final da minha trajetória como graduanda neste curso, durante todo o meu estágio obrigatório ela deixava bem claro o orgulho que tinha de mim, e sua ajuda com cuidado ao meu filho para que eu pudesse terminar meu trabalho de conclusão foram mais que importante.

Estendo os agradecimentos também ao otondo, meu grupo de amigos que tornaram a trajetória mais leve compartilhando de dias difíceis e bons, mas sempre um pra ajudar o outro, obrigada também a meus professores por todo conhecimento, ajuda e amizade criada. Ao meu orientador Arão de Azevedo por ter tido paciência conosco, por toda sua dedicação e pelo seu profissionalismo, foi através dos seus conhecimentos que eu me apaixonei pelo design, á meus amigos(as), tios(as), primos(as) meu muito obrigada por cada um de uma forma ser presente na minha vida.

E claro, neste momento imagine que eu estou gritando lhe pedindo obrigada Alberta Figueirêdo, sem sombras de dúvidas noventa e nove por cento dos meus trabalhos sendo em dupla ou não foram feitos com você, você se tornou a minha melhor amiga sem ao menos saber, ao chegar na faculdade as vezes desanimada por conta do cansaço do caminho ou por conta de algumas dificuldades, só em lhe ver sentada naquela cadeira guardando meu lugar era um alívio, meus dias na UEPB não foram os mesmo nos quais você não estava, dividir o

café e todos os trabalhos, desafios, notas boas, e esse tcc com você é um privilégio meu, eu espero ter você por perto em toda minha vida, essa vitória é nossa!

Raiza Mota

RESUMO

Este relatório descreve a elaboração detalhada e apontamento teórico do produto midiático realizado como Trabalho de Conclusão de Curso, sendo uma revista digital de edição única intitulada “Elas em Campo”. O objetivo é dar destaque às jornalistas que atuam ou atuaram na crônica esportiva paraibana através de entrevistas, reportagens e perfis, que expressam a vivência das personagens nessa área, que por muitas vezes, é limitada para as mulheres. Além disso, foi buscado entender as dificuldades e os desafios dessas profissionais de trabalharem neste nicho do jornalismo, que sendo ocupado por muito tempo por homens, principalmente no campo do futebol, acaba sendo machista e opressor. Por isso, foi necessário compreender o atual cenário do jornalismo esportivo aqui na Paraíba e os motivos de algumas emissoras não terem vozes femininas à frente de programas e reportagens esportivas, como também a perspectiva de mudança dessas profissionais sobre o cenário esportivo paraibano para as mulheres. Neste relatório, encontra-se descrito todo o processo de planejamento, pré-produção, produção e pós-produção do produto midiático Elas em Campo, totalizando uma publicação digital de 32 páginas.

Palavras-Chave: Jornalismo Esportivo. Mulheres. Assédio. Revista

ABSTRACT

This report describes the detailed elaboration and theoretical approach of the media product produced as a course conclusion project, a single-edition digital magazine entitled "Elas em Campo" (Girls on the Field). The aim is to highlight journalists who work or have worked in the Paraíba sports media through interviews, reports and profiles that express the characters' experiences in this area, which is often limited to women. In addition, we sought to understand the difficulties and challenges these professionals face in working in this niche of journalism, which has long been occupied by men, especially in the field of soccer, and ends up being sexist and oppressive. For this reason, it was necessary to understand the current scenario of sports journalism here in Paraíba and the reasons why some broadcasters don't have female voices at the head of sports programs and reports, as well as the perspective of these professionals on the change in the Paraíba sports scene for women. This report describes the entire process of planning, pre-production, production and post-production of the media product *Elas em Campo*, totaling a digital publication of 32 pages.

Keywords: Sports journalism. Women. Harassment. Magazine

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Logotipo Elas em Campo	26
Figura 2 - Fonte escolhida de acordo com o corpo do texto	27
Figura 3 - Seleção de cores da revista	27
Figura 4 - Nomes das editorias	28
Figura 5 - Capa da revista	28

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Cronogramas de Ações Realizadas **28**

Tabela 2 - Tabela de gastos **29**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVOS	15
2.1 Geral	15
2.2 Específicos	15
3 JUSTIFICATIVA	16
4 O JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL	17
4.1 Espaço feminino no jornalismo esportivo	19
4.2 Jornalismo esportivo na Paraíba	21
5 ÉTICA, MÍDIA E ASSÉDIO	23
6 PRODUÇÃO DA REVISTA	25
7 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO	27
8 CRONOGRAMA	30
9 ORÇAMENTO	31
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.	32
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

O “Elas em Campo” surgiu de um projeto idealizado por alunas do curso de jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba para a cadeira de telejornalismo, o intuito era através das redes sociais acompanhar a Copa do Mundo de 2022, fazendo uma cobertura 100% feminina ao trazer informações sobre as partidas, curiosidades e informações ligadas ao mundo do futebol. A finalidade do projeto foi alcançada, à vista disso, foi pensado, combinado e com o acordo de todas, o projeto foi continuado, alterado e com isso, a partir da ideia das coberturas dos jogos, nasceu assim a revista “Elas em Campo - Mulheres do jornalismo esportivo paraibano”.

Tem-se como propósito continuar com a ideia geral inicial do projeto que é o esporte, com o futebol em mais evidência, mas saindo da ideia de jogos, para entrar em um assunto que vira pauta frequente para conteúdos discutidos, que é, a questão das mulheres ligadas ao esporte, em especial ao jornalismo esportivo. Foi pretendido abordar como é superada suas limitações nesse campo apenas por ser mulher; procuramos entender como foi sua chegada nesse ramo, e além disso, esse tema foi pensado não apenas para discorrer sobre situações diárias que as mulheres enfrentam neste ramo do esporte, mas também relatar os assédios sofridos pelas profissionais durante seu trabalho, retratando ainda a sociedade machista que se vive, onde objetifica a figura feminina com práticas de atos ofensivos e invasivos contra elas.

Todas as questões que foram ressaltadas, estão limitadas a crônica esportiva paraibana, e tem como base acontecimentos do dia-a-dia; o cotidiano de profissionais atuantes no estado da Paraíba, ou até mesmo contextos vividos por elas que não foram expostos. Pelo fato da revista digital ser um veículo ampliado, estendemos também a falar dos atos cometidos também virtualmente, que crescem de forma inquietante e devido á isso algumas pautas de cunho feminista nos últimos anos vem ganhando visibilidade devido as redes sociais. A exemplo, temos a campanha “Chega de Fiu Fiu”¹, 2013, que foi lançada pela Think Olga e que ganhou repercussão tornando-se uma porta para o combate ao assédio no Brasil. Dentro do esportivo, jornalistas se uniram em 2018 no movimento intitulado “Deixa Ela Trabalhar”², com o objetivo de combater e mostrar o machismo e assédio que sofrem por serem mulheres nesse ambiente.

¹ <https://thinkolga.com/projetos/cheга-de-fiu-fiu/>

² https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/23/politica/1521823054_844544.html

Com isso a problemática é voltada a entender todas as relevâncias expostas ao decorrer da revista, para assim, chegar á uma solução para o seguinte questionamento: Qual o espaço das jornalistas esportivas na Paraíba e por que ainda é existente o assédio e a desaprovação de alguns homens relacionado a elas nessa área?

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Produzir uma revista digital que aborde sobre mulheres no jornalismo esportivo paraibano e o combate a casos de assédio sexual e moral durante coberturas esportivas.

2.2 Específicos

- Identificar como é o espaço das mulheres na área do jornalismo esportivo paraibano
- Examinar se ainda ocorre assédio sexual e moral a profissionais de jornalismo esportivo em seu âmbito de trabalho
- Ilustrar por meio de entrevistas e reportagens sobre os casos de assédio e o que foi feito nas situações
- Apresentar reportagens que abordem sobre como impedir o constrangimento das repórteres durante as coberturas abordadas

3 JUSTIFICATIVA

Devido a forte presença virtual em nosso meio, apostamos na revista digital para deixar ainda mais explícito como é comum durante as transmissões, nos estádios, nas ruas, redes sociais e até mesmo nas redações jornalistas esportivas denunciarem o assédio sexual e/ou moral sofrido. Principalmente no futebol, ambiente predominante masculino, esse tipo de comportamento é visto como banal e quando ocorre em passagens de ao vivo, com a agitação da torcida atrás da repórter, grande parte acha engraçado e que as reações das jornalistas ao assédio, é exagero.

Muito dos casos são tratados como tietagem ou justificados pela forma que os torcedores apaixonados pelo futebol só querem se divertir em dia de jogos, mas isso deixa de ser brincadeira e ultrapassa os limites no momento que os homens, mesmo diante de câmeras, ridicularizam com gritos machistas e atitudes antidesportivas as jornalistas que estão ali cumprindo seu papel de informar. Alguns casos, mesmo tomando proporções fora do comum, se tornaram apenas informações para alguns veículos, que construíram notícias e reportagens diante do fato, mas o constrangimento sofrido pelas jornalistas, segue em sua maioria, sem uma determinada ação contra. Como afirma Lucie Schoch (2019, p. 31) “As mulheres jornalistas esportivas sentem que devem estar particularmente vigilantes quanto às suas atitudes, especialmente, para evitar certos estereótipos (sedutora, lésbica) que sentem na pele e devem negociar diversas tensões”.

Ressaltamos assim que o tema escolhido para trabalho abrange outro tema que é a questão da luta pelas mulheres por um espaço no mercado de trabalho, envolvendo as leis trabalhistas (CLT). Com isso destacamos que ser jornalista esportiva é conviver diariamente com o dilema entre o amor pelo mundo esportivo e o machismo da sociedade. Por esse motivo, a escolha do tema é em parte pessoal, pelo fato de que ambas (Alberta Figueirêdo e Raiza Mota), entraram no jornalismo por causa do amor pelo esporte, em especial o futebol e a vontade de seguir carreira no jornalismo esportivo.

4 O JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

Jornalismo de incertezas e preconceito. Era assim com o jornalismo esportivo no início do século XX, todos os esportes sofriam com as dúvidas e as especulações, principalmente o futebol, como aponta Paulo Vinícius Coelho, no livro “Jornalismo Esportivo”, de 2003. Ninguém acreditava que tal esporte poderia vir a ser capa de um grande jornal, somente notas no canto inferior. Conforme Coelho (2003) isso passou a mudar com o jornal “*Fanfulla*”, que na década de 1910, já incentivava os italianos a fundarem seu próprio time de futebol.

Com isso, nasceu o Palestra Itália, que atualmente é conhecido como Sociedade Esportiva Palmeiras. Por isso, com os materiais escritos inicialmente para os italianos da capital paulista, o *Fanfulla* é considerado o primeiro que se referia ao futebol brasileiro, de acordo com Coelho (2003).

Não existia o que se pode chamar hoje de jornalismo esportivo. Mas não fossem aquele relatos e ninguém jamais saberia, por exemplo, quando e qual foi o primeiro jogo do velho Palestra. Nem do velho Corinthians, nem do Santos, nem que o futebol do Flamengo só nasceu em 1911, apesar de o clube ter sido fundado para a prática do remo 16 anos antes. A primeira cesta no Brasil, o primeiro saque. Tudo foi registrado. Tudo meio a contragosto. Porque nas redações do passado – e isso se verifica também hoje em dia – havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte. (COELHO, 2003, p.8)

O *Fanfulla* acaba por ser uma fonte histórica, pois sem ele poucos saberiam, por exemplo, que o Flamengo começou no futebol apenas em 1911 mas que era um clube de remo, assim como outros clubes. O remo dominava o estado do Rio de Janeiro, tanto que diversos times de futebol surgiram a partir de clubes de remo, além do Clube de Regatas do Flamengo, o Clube de Regatas do Vasco da Gama e o Botafogo de Futebol e Regatas são exemplos.

Os próprios dirigentes dos grandes times da época não acreditavam na popularização do esporte, inclusive o Paulistano, time famoso e com várias conquistas estaduais em 1929, não manteve as equipes de futebol. Era um cenário bastante controverso e com preconceitos, que não se limitava apenas às redações dos jornais. O avanço foi lento, embora tudo para o fracasso do esporte fosse questão de tempo, como chegou a dizer, ou palpar, Graciliano Ramos, autor de *Vidas Secas*: “Futebol não pega, tenho certeza; estrangeirismo não entra facilmente na terra do espinho”.

O cenário alterou-se em 1923, quando o Vasco da Gama entrou em campo com um time de jogadores negros. Que ganharam espaço nas páginas dos jornais esportivos e nas casas,

pois parte da sociedade começou a consumir mais os diários esportivos e a popularização do esporte cresceu a pequenos passos. E foi em 1931, no Rio de Janeiro, que nasceu o primeiro diário de esportes do Brasil, criado pelo jornalista Mário Filho, o *Jornal dos Sports* se dedicava exclusivamente aos esportes. Posteriormente surgiram outros periódicos, como a *Revista Esporte*, também do Rio de Janeiro, que atuou entre o final de 1950 e início de 1960.

“Os jornais cariocas acompanharam tudo como puderam. Com pouco espaço e dando mais destaque ao que acontecia dentro de campo do que à briga política entre todos os times. Isso até a pacificação, em 1937, quando entrou na moda o melhor estilo carioca de divulgar futebol. (COELHO, 2003, p.16)

Nessa época, o Brasil começou seus anos de afirmação com os esportes e os jornais passaram a incluir cadernos esportivos nas publicações. Embora o preconceito ainda estivesse presente nas redações. Um fato interessante, é que as matérias esportivas no Brasil, ficaram mais regulares em meados de 1970, quase 50 anos depois da Argentina, por exemplo, que possuem jornais esportivos que datam de 1927. Como diz Coelho (2003, p.10), entrando assim num grupo de países com imprensa esportiva: “De todo jeito, a partir da segunda metade dos anos 1960, com cadernos esportivos mais presentes e de maior volume, o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão”. Mas de todo modo, era a especialidade que menos tinha importância, quem começou escrevendo foram os novos jornalistas, que queriam ter matérias publicadas em jornais, como conta Maurício Stycer, no livro *A História do Lance* (2018), onde cita um depoimento de Adriano Neiva.

As funções não eram fixas nem, muito menos, compensadoramente remuneradas. A maioria dos “cronistas” trabalhava de graça, só para ter o ensejo de escrever em jornal, já que essa era a sua inclinação, e para poder, principalmente, defender o seu clube, porque, naquele tempo, tal como hoje, o “cronista” tinha seu clube preferido, com a diferença de que, antes, àquela época, ninguém fazia segredo disso. Pelo contrário. (STYCER, 2018, p.172)

Grandes clássicos cariocas ganharam nome, como por exemplo o “Clássico do Vovô” por ser um dos mais antigos do Rio de Janeiro, entre Botafogo e Fluminense e o “Clássico dos Milhões” por levar multidões de torcedores para os estádios, nos jogos entre Flamengo e Vasco, e isso se deve a maneira de como era feito o jornalismo na época. Já que os cronistas se atentavam mais aos personagens e as histórias, que aos fatos em si. Uma dramatização que, segundo Coelho (2003), transformava os jogadores em heróis da noite pro dia.

Com a popularização, cada vez mais profissionais migraram para a área esportiva, e criou-se um senso de que não existia apenas futebol para os cadernos esportivos dos jornais. O vôlei, tênis, natação, basquete e automobilismo ganharam espaço com a presença de novos ídolos e fez os jornalistas se especializarem em cada área, para saber as regras e ter conhecimento em cada esporte.

Quem faz automobilismo tem bom nível de especialização. As corridas foram ótimo aprendizado para jornalistas, especialmente depois dos títulos mundiais de Emerson, Piquet e Senna. O fato de obrigar quem trabalha com o esporte a conhecer coisas específicas – o motor, por exemplo, obriga maior nível de dedicação. (COELHO, 2003, p. 36)

E ter jornalistas e cadernos esportivos com mais credibilidade ao dar informações ao público fez com que novos jornais e revistas especializadas em esportes surgissem. Atualmente, a revista *Placar*, com conteúdos sobre futebol, é a mais bem vista no país, embora revistas como a *Lance Livre* e *Superbasquete*, não tenham tido a mesma sorte ao trazer apenas uma temática e acabaram fechando. O que mostra como o futebol conseguiu se manter absoluto no Brasil com o passar dos anos.

4.1 Espaço Feminino no jornalismo esportivo

Notamos as impossibilidades das mulheres se compararmos os espaços delegados e os papéis sociais a elas impostos, em referência citamos um período no século XX na Grécia Antiga, onde as mesmas sofrem exclusões em relação à sua participação nos esportes, podendo até ser mortas caso apenas assistissem aos jogos.

Na Idade Média tiramos como recorte a breve participação do mundo feminino nos esportes populares envolvendo a bola, e ela foi bem breve mesmo, pois o que era evolução se retrocedeu novamente nos meados do século XVII até o século XIX. Em um breve recorte sobre a história da mulher no esporte no site meraki ³ Temos o conhecimento de que a participação das mulheres ficou concretizada nos esportes nas olimpíadas de 1900 sediada em Paris, e até hoje se luta para que seu espaço participativo permaneça.

Mesmo se interessando pelo assunto relacionado à qualquer esporte que seja, no mundo televisivo nas redes de comunicação a participação das mulheres começou do fio da meada,

³ <https://merakifisioterapia.com/a-historia-da-mulher-no-esporte/>

primeiro dando entrevistas para depois fazerem reportagens, conquistando seu espaço aos poucos, chegando a ocupar o espaço de comentarista, âncora e correspondentes nas emissoras. Simone de Beauvoir (1967, p. 9) foi bem direta e subjetiva ao dizer "Não se nasce mulher, torna-se mulher", pois é através das distribuições de como um indivíduo pode constituir o outro é que a sociedade delimita o espaço em que as mulheres podem atuar. E mesmo conquistando seu espaço por mérito, ainda é existente uma bolha exposta pela sociedade questionando as técnicas e o domínio das mesmas sobre o tema.

Entre os espaços sociais notamos a proximidade do futebol e masculinização da mulher, em todo o lugar, as pessoas que acompanham os esportes sejam televisivamente ou pelas rádios notam a ausência de mulheres trabalhando na mídia esportiva, devido ao preconceito por sua entrada nessa área, elas ainda são encaminhadas para cobertura de esportes "mais fáceis", como explica Coelho (2003). Em relação a isso, Coelho (2003) ainda analisa outro ponto que é o direcionamento de jornalistas mulheres para editorias de esportes olímpicos quando se trata de escrever e falar sobre o esporte.

O fato, no entanto, é que as mulheres na maior parte são encaminhadas para as editorias de esportes olímpicos. É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo. Territórios onde o machismo ainda impera. Mas também onde menos mulheres do que homens demonstram conhecimento. (COELHO, 2003, p.35)

E como pioneira no âmbito esportivo como comentarista e repórter de campo aqui no Brasil, temos como nome Regiani Ritter que estreou no jornalismo esportivo de rádio fazendo seu nome no jornalismo televisivo ficando conhecida como a primeira mulher a realizar a cobertura da Copa do Mundo na Itália. Ainda falando sobre copa do mundo, podemos notar que em uma cobertura esportiva a mulher ocupa uma porcentagem reduzida em comparação aos homens, como visto na Copa do Mundo da Rússia onde as mulheres representavam 14% da imprensa credenciada, porcentagem ainda baixa mas significativa em comparação a Copa do Mundo de 2014, onde só houveram 10% das mulheres, mesmo com um crescimento em uma análise de comparação a 100% ainda é pouco.

Saindo das coberturas esportivas e entrando para dentro das redações, as funções ligadas à figura feminina tomam proporções menores, vemos poucas comentaristas, integrantes de mesas redondas, e narradoras então é quase não vista. Elizângela Carvalho, coordenadora nacional do GMMP 2020 no Brasil, ressalta que "apesar de um certo equilíbrio numérico

entre mulheres e homens jornalistas atuando na produção de notícias no Brasil, as mulheres ainda são representadas de maneira desproporcional na mídia brasileira. E isto se reflete em como a população compreende os papéis sociais de gênero para mulheres e homens”.

4.2 Jornalismo esportivo na Paraíba

Tendo sua consolidação através das rádios, e com a popularização do futebol como fenômeno cultural juntamente às inovações e o alastramento do meio radiofônico, o jornalismo esportivo se consolidou através das rádios, com a propagação de criação de programas esportivos e suas transmissões. Em Campina Grande, através do artigo de Goretti Maria Freitas consolidamos a informação de que uma figura importante para a implementação das transmissões esportivas futebolísticas foi o locutor Amaury Capiba, que durante suas transmissões instigava os ouvintes, principalmente em clássicos paraibanos. Outros nomes foram aparecendo e tendo seus espaços e valores, como Ariosto Sales, que em dupla com o cronista Josusmá Viana, conquistou os ouvintes com sua sintonia e capricho na qualidade das informações que eram divulgadas por eles. Como um costume que continua até o hoje, os apaixonados pelo futebol se reuniam para comentar as partidas no famoso “Calçadão da Cardoso Vieira”. Claro que em como todo período histórico evoluções vão acontecendo, e naquele tempo a transmissão das informações não era como hoje, a exemplo do locutor que fazia seu próprio processo de apuração e construção de uma pauta mas não executava ela, e só quando repórter é que se usava um gravador. Já na década de 80 tivemos os rádios usados por repórteres chamados de “handtalk”, essa evolução técnica começou com a Borborema, que em sua vez fez um considerável investimento em sua estrutura, além disso outro arremato da Borborema foi sua transmissão, ela foi a primeira rádio a realizar uma transmissão esportiva com a voz de Guimarães no comando.

Atualmente o que se diz a respeito da construção de um trabalho jornalístico, nesse meio jornalistas e repórteres inovam em seus textos, tendem a deixar uma narração que traga mais emoção e calor do jogo no momento, porém pelo seu pequeno fecho, são procurados outros meio de modelo a seguir com a forma de subsidiar as produções principal do jornalista esportivo, como a exemplo criação de programas do conteúdo esportivo com transmissão mais ou menos às 12 horas e semanalmente. Mas mesmo diante a todo fato de transformar as

emissoras comerciais campinense, ainda tem como tradição as resenhas esportivas ou de programas de debates que se estruturam na perspectiva de discutir sobre o jornalismo local e no mundo.

5 ÉTICA, MÍDIA E ASSÉDIO

Segundo o filósofo Aristóteles (384 a.C - 322 a.C.), a ética se baseia em um conjunto de regras e preceitos de ordem valorativa e moral de um indivíduo, grupo social ou sociedade. Já a palavra mídia se originou a partir do inglês *media*, simplificação do termo em inglês *mass media*, que faz referência aos meios de comunicação de massa, porém devido ao surgimento da internet pautas ignoradas pelo *mass media* passou a ser discutida nas plataformas *onlines*, com a chamada mídia alternativa através das redes sociais. Relacionamos a ética na mídia diretamente aos interesses públicos, ligados ao bem comum e a garantia de diversidade, tornando assim ambos intermediários essenciais para a democracia. Mas com as transmissões das informações de modo instantâneo os famigerados jornalistas para gerar audiência esquecem de saber da veracidade das informações.

No Brasil, necessariamente existem alguns códigos que estabelecem ou melhor tentam estabelecer a ética no jornalismo, dentre eles destacamos o Código de Ética e Autorregulamentação da Associação Nacional de Jornais (ANJ), e dentro de todas as suas dez regras, evidenciamos aqui o comprometimento dos jornais para “apurar e publicar a verdade dos fatos de interesse público, não admitindo que sobre eles prevaleçam quaisquer interesses”, “o asseguramento de acesso de seus leitores às diferentes versões dos fatos e as diversas tendências de opinião da sociedade”, além de “respeitar o direito de cada indivíduo à sua privacidade, salvo quando esse direito constituir obstáculo à informação de interesse público”. Correndo atrás de audiência, a mídia descarta alguns dos pontos destacados, eliminando qualquer preocupação com a ética.

Fazer uma aproximação entre o assédio e a mídia, não se torna algo dificultoso no século em que vivemos. Brodsky (1976), publicou um livro com o título “O Trabalhador Assediado” sendo referência por abordar o assédio em um local de trabalho. Já no Brasil, só em 2000 esse assunto adquire relevância.

De acordo com o site [significados](https://www.significados.com.br/assedio/)⁴, o “assédio” consiste numa perseguição insistente e inconveniente que tem como alvo uma pessoa ou grupo específico, afetando a sua paz, dignidade e liberdade. Diante disso é notável que em vários lugares pode haver o ato de assédio e que frequentemente vemos que acontece principalmente contra mulheres.

⁴ <https://www.significados.com.br/assedio/>

E da mídia, que é evidente esse ato, sabemos que as mulheres vêm ocupando muitos espaços hierárquicos que antes era apenas ocupado por homens, e por esse fato acabam enfrentando condutas que podem ser consideradas repugnantes, principalmente em gravações ao vivo, qualquer situação que ocorra de assédio ganha repercussões, já que no “off” muitas vezes há o silêncio da vítima após sofrer qualquer ato de assédio.

Já o assédio moral se configura por condutas abusivas expressas por meio de palavras, comportamentos, atos, gestos, trazendo danos à personalidade, dignidade, ou integridade física ou psíquica de uma pessoa, colocando em perigo o seu emprego ou degradando o seu ambiente de trabalho. Podemos assim dizer que a ética e assédio andam na contramão, para um bom convívio na sociedade ou em um ambiente de trabalho é necessário o respeito mútuo, livre de ofensas, discriminação e ou assédio e violência verbal ou não verbal independente de sua classe, ou posição hierárquica.

O assédio ainda se caracteriza por níveis, á exemplo no assédio moral temos quatro interpretações que por lei podem ser enquadradas como assédio moral como: Assédio moral vertical descendente se baseando na prática de violência entre patrão e funcionários; Assédio moral vertical ascendente: quando o assédio vem do funcionário ao patrão; Assédio moral horizontal: praticado por colaboradores em mesmo nível hierárquico, não havendo relações de subordinação; Assédio moral misto: quando há um assediador vertical e horizontal. O assediado é atingido por todos, desde colegas de trabalho até o gestor. Vale salientar que essas a base para essas informações foi o site do tribunal regional eleitoral de Roraima ⁵.

Já no caso do assédio sexual temos o assédio sexual por chantagem, dentro do ambiente de trabalho se enquadra em uma conduta sexual em troca de interesses que beneficiem ou para evitar prejuízos na relação de trabalho; e por fim temos o assédio sexual por intimidação ou ambiental, que é quando se tem provocações sexuais importunas no ambiente de trabalho, criando situações ofensivas, de humilhações ou de intimidações prejudicando sua atuação no trabalho.

⁵ <https://www.tre-rr.jus.br/institucional/assedio-e-discriminacao-no-trabalho/assedio-moral-no-trabalho>

6 PRODUÇÃO DA REVISTA

Elas em Campo é uma revista digital que em edição única, aborda sobre a crônica esportiva paraibana, focando nas jornalistas desse cenário. A jornalista Marília Scalzo comenta em seu livro “Jornalismo de Revista”, de 2003, a revista é um veículo de comunicação, uma marca, um produto. Possui um aspecto leve e dinâmico e estão relacionadas a um certo público.

Assuntos abordados em suas páginas explicam e transmitem histórias, e que podem ser aprofundadas, visto sua periodicidade, diferente do jornal impresso. Constroem ainda, textos interpretativos, que muitas vezes vagueiam pela opinião.

A matéria de revista é geralmente uma reportagem descompromissada com o factual e com os acontecimentos rotineiros, objetivando muito mais uma interpretação dos fatos e a análise de suas consequências, pois raramente pode ou procura oferecer novidades no sentido do que é assegurado pelas emissoras de televisão, de rádio e pelos jornais. (LUSTOSA, 1996, p. 104).

Contudo, é essa forma de escrever e trazer os textos, essa linguagem leve que faz o jornalista se aproximar do leitor, já que a forma de abordar um assunto dentro do jornalismo de revista, busca gerar intimidade com o leitor, “um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a construir uma identidade, ou seja, cria identificações, dá sensação de pertencer a um determinado grupo” (SCALZO, 2003, p. 12).

Desse modo, a revista Elas em Campo pretende trazer uma linguagem direta, que aproxime o público do tema proposto. Para o planejamento, houve um cuidado ao tratar os assuntos, e sua forma de abordagem, como um dos pontos é o assédio, foi necessário um olhar especial.

Durante o cronograma, tiveram espaços de tempo entre uma reportagem e outra, o que possibilitou o surgimento de outras pautas, que de início, não estavam programadas.

Elas em Campo está dividida pelas seguintes seções:

- Carta ao Leitor
- Perfil
- Reportagem
- Entrevista

- Perspectiva de mudança
- Galeria de fotos

A revista totaliza 32 páginas, sendo 23 usadas seguindo alguns gêneros textuais jornalísticos como perfil, reportagem e entrevista para a construção do produto. Nas produções realizadas encontra-se:

- Por trás de um time, uma assessora (entrevista)
- Michele Wadja: a pernambucana que se encantou pelas Copas do Mundo (entrevista)
- Seguindo com o sonho do esportivo (entrevista)
- Um por cento de sua história (perfil)
- Memórias, histórias e futebol (perfil)
- Elisa Marinho: a voz do esportivo na rádio Tabajara (perfil)
- O Paraibano é delas (reportagem)
- Desconstruindo padrões ainda na graduação (reportagem)
- Falta mulheres e sobra assédios (reportagem)
- Contrariedades e realidades da representatividade das mulheres na tv (reportagem)
- Mulheres no esportivo: parte ou à parte? (reportagem)

Os conteúdos acima citados, retratam os objetivos específicos do trabalho. Para o armazenamento da revista, foi escolhida a plataforma Google Drive, por ela também é disponibilizado um *link para download*⁶ e leitura da revista, assim tornando mais fácil o acesso do público.

⁶  ELAS EM CAMPO.pdf

7 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

Para início da produção, foi necessário elaborar um pré-projeto com levantamento de como era e é o jornalismo esportivo para as mulheres no Brasil, para depois delimitar para a crônica esportiva paraibana. Após isso, personagens foram surgindo de acordo com o tema e objetivos. As entrevistas com as fontes foram por plataformas como Google Meet e WhatsApp, como também presencialmente. Os arquivos de fotografia foram arquivos pessoais enviados pelos entrevistados, apenas uma foi um ensaio fotográfico feito pela dupla⁷, especialmente para a revista.

Quanto à tipologia e elementos gráficos, a fonte escolhida para o logotipo foi a Playfair Display Black (figura 1). Para títulos e subtítulos das reportagens, foi escolhida a fonte Poppins e sua família tipográfica, do mesmo modo o corpo do texto, que foi dividido em duas colunas para facilitar a leitura, com isso, foi escolhida a fonte Poppins Medium (figura 2), no tamanho 11. A escolha de utilizar a mesma fonte tanto para títulos quanto para corpo de texto, foi porque ela possibilita uma boa legibilidade, por ser uma fonte simples e sem serifa, o que ajuda a ler na tela, além de possuir uma família tipográfica grande, que proporciona a utilização de suas diversas variações, de forma harmônica.

Figura 1 - Logotipo



Arquivo: Reprodução pessoal

Figura 2- Corpo do texto

⁷ Fotos para a entrevista com Wanessa Soares, intitulada “Por trás de um time, uma assessora”



Arquivo: Reprodução pessoal

Foram utilizadas cinco cores (figura 3) para definir a revista, visto que são importantes para chamar atenção do leitor. Como cores principais temos o roxo, que significa nobreza e conhecimento, e o laranja, que traz equilíbrio e entusiasmo. Para cada editoria, foi pesada uma cor de acordo, nas páginas de perfis foi utilizada a cor azul, pois traz confiança e segurança, nas entrevistas a cor vermelha, como forma de poder e chamar mais atenção e nas reportagens, a cor verde, essa é a cor mais comum em editorias de esporte, representando a tenacidade, escolhemos ela para as reportagens por abordarem assuntos mais sérios e que merecem atenção especial. O nome das editorias ficou localizado na parte superior esquerda (figura 4), com a respectiva cor.

Figura 3 - Cores



Arquivo: Reprodução pessoal

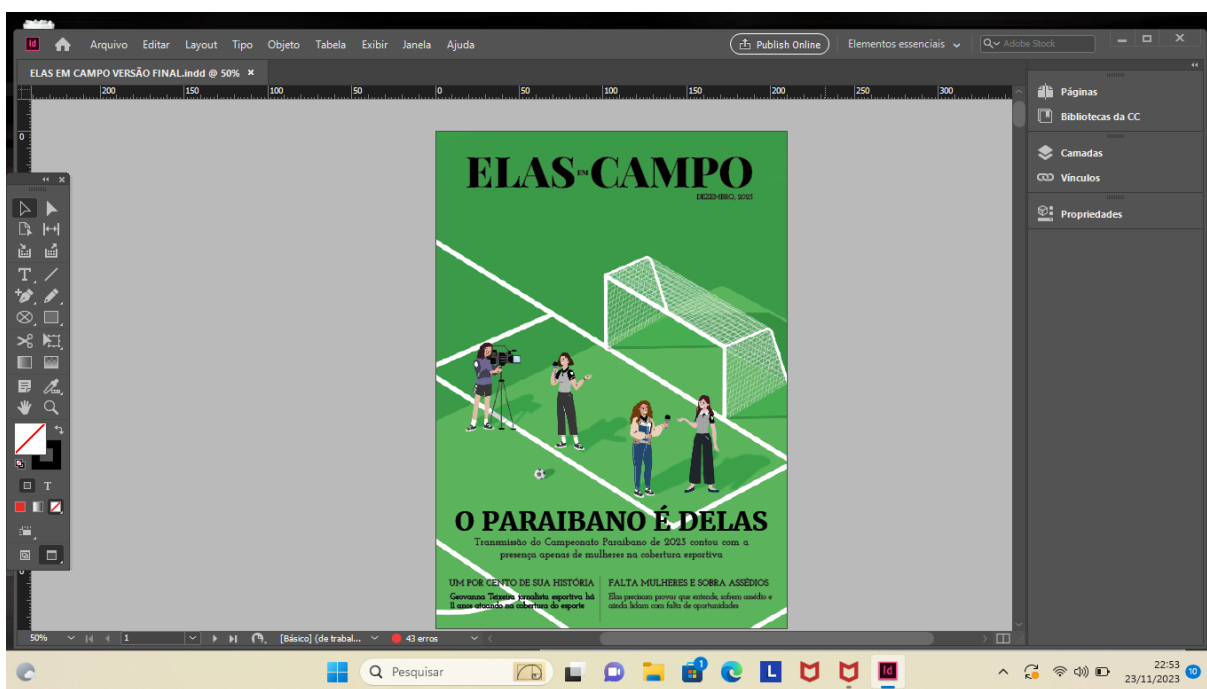
Figura 4 - Editoriais

ENTREVISTA

Arquivo: Reprodução pessoal

Na capa, a primeira ideia seria uma nuvem com palavras constrangedoras que as jornalistas já ouviram durante o exercício de seu trabalho. A ideia foi descartada e ficou definido utilizar um desenho (figura 5), feito pelo artista Argemiro Neto, representando a equipe de transmissão feminina do Jornal da Paraíba em 2023 (Izabel Rodrigues, Dani Fechine, Beatriz Freire e Juliana Bandeira).

Figura 5 - Capa



Arquivo: Reprodução pessoal

9 ORÇAMENTO

ITEM	QUANTIDADE	VALOR
Computador	2	R\$ 5.200
Celular	2	R\$ 2.590
Arte de Capa		R\$ 40
Transporte		R\$ 45
Internet	2	R\$ 122

Toda a produção contou com recursos técnicos que a dupla já possuía, como computadores e celulares, e como a maioria das entrevistas foram de forma *online*, o gasto com passagens foi mínimo. Em relação a diagramação, ela foi feita pela dupla, o que possibilitou o investimento na arte de capa para a revista. Já as fotografias utilizadas foram cedidas pelas fontes de arquivo pessoal, como citado anteriormente, apenas uma foi feita para a revista, mas obteve apoio do professor Rostand Melo, bem como a atualização do Laboratório de Fotografia e equipamentos fotográficos do curso de jornalismo da Universidade estadual da Paraíba.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideravelmente, levamos em conta os desafios para a produção da revista ELAS EM CAMPO de natureza igual aos desafios pertencentes ao jornalismo. O processo para a criação de pautas até a sua finalização, o distanciamento de sua opinião para a descrição fiel da fala dos entrevistados, análises das informações complementares e fotografias foram ferramentas totalmente respeitadas.

Todo o conteúdo abordado, contribuiu para um aprendizado maior do assunto tendo em vista que querendo ou não, sabemos da forma que as mulheres são vistas nesse meio esportivo, mas ter a dinamização para saber melhor das histórias lhe dá a oportunidade de ter um conhecimento atento sobre o assunto. Nossa revista aborda um assunto que vem se tornando recorrente, mas que para alguns é apenas uma pauta abordada com um peso grande na sociedade em que vivemos.

O que foi observado é que 90% das entrevistadas para a revista relataram que já ouviram piadinhas e que foram questionadas se entendiam de esportes, enquanto 70% das jornalistas já sofreram assédio moral ou sexual. É um dado alarmante por si só, mas quando se percebe que apenas um dos casos foi exposto na mídia⁸, a situação se torna mais grave pela impunidade e a facilidade dos agressores saírem ilesos.

O processo de diagramação foi um ponto mais leve tendo em vista que apenas colocamos em prática tudo que foi aprendido sobre diagramação, além disso tivemos como ponto norteadores os conhecimentos envolvendo técnicas de entrevista e escrita de texto do jornalismo impresso, práticas desenvolvidas na cadeira de fotojornalismo, entre outras metodologias que foram desempenhadas durante os anos de graduação.

Todo o esforço feito, todos os estresses passados, todos os episódios que passamos, além de toda a renúncia foi em prol para que tudo saísse da forma que pensávamos, compactamos juntas de um mesmo pensamento então todo o trabalho deveria ter um êxito maior que uma nota final para nossa graduação, e claro que isso aconteceu, temos um apego enorme á tudo que construímos juntas até aqui, e saibam que diante de todos, estará um material completamente perfeito aos nossos olhos, e que temos orgulho dele.

Desse modo, esperamos que todo o material feito tenha seu reconhecimento além do acadêmico, que visões sobre o assunto pré definidas antes de ler o material sejam remodeladas

⁸ Caso com a jornalista Ana Flávia Nóbrega na final do Paraibano 2022

de maneira positiva, que as mulheres alcancem ainda mais visibilidade em um campo tão amplo e que mais trabalho com esse tema sejam expostos.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 1967.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003

FREITAS, Goretti Maria. **Memórias da Radiofonia Campinense: As Vozes do Jornalismo Esportivo**. Campina Grande, 2018.

LUSTOSA, E. **O texto da notícia**. Brasília: Universidade de Brasília, 1996

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SCHOCH, L. **Stéréotypes de genre**. *Sur le journalisme*, v. 8, n. 2, dez. de 2019.

STYCER, Mauricio. **História do Lance: Projeto e prático do jornalismo esportivo**. São Paulo: Editora Alameda, São Paulo, 2018.

VILAS BOAS, S. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.